

ENTREVISTA ESPECIAL



193

ENTREVISTA COM A ESCRITORA VANESSA TEODORO TRAJANO

Por Dr. Elio Ferreira de Souza-UESPI

Dra. Maria Suely de Oliveira Lopes-UESPI

Dr. Sebastiao Alves Teixeira Lopes-UFPI

Vanessa Teodoro Trajano é natural de Teresina-Piauí e radicada em Brasília-DF. Além de escritora, é professora de língua portuguesa, com mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí. É autora de *Mulheres incomuns* (2012, contos), *Poemas proibidos* (2014, poesia), *Doralice* (2015, romance), *Ela não é mulher pra casar* (2019, contos, finalista do Prêmio Guarulhos) e *Supermulher e outras performances poéticas* (2020, poesia).

ENTREVISTA ESPECIAL

- 1 Como surge seu fascínio pela literatura? Quem ou o que lhe motivou a ler e a ser escritora?

A minha mãe me ensinou a ler e a escrever aos três anos, o que é curioso, porque ela mesma só fez até a quarta série. Mas como não desejava que eu fosse ignorante e não sabida das coisas, passou-me o pouco que sabia. Ao perceber que aprendi muito rápido, o meu pai me dava livrinhos e gibis, que eu devorava rapidamente. Então posso dizer que tudo aconteceu de maneira bem orgânica. Na própria infância tinha prazer em escrever, inventar histórias. Sou leitora e criadora desde que me entendo por gente. Arrisco até que a melhor fase de invencionice é justamente essa, em que a imaginação está a mil. De todo modo, agradeço aos meus pais, que apesar de não serem letrados investiram para que eu fosse.

194

- 2 Como se dá sua formação enquanto leitora de literatura? Quais autores e obras foram importantes para essa formação? Quais temas mais lhe fascinavam?

Eu estudava numa escola que não tinha biblioteca. Para falar a verdade, nunca havia entrado numa até a adolescência, mesmo amando ler. Aos treze anos, comecei a estudar no centro de Teresina e me aproximei desses ambientes. Fui ao SALIPI e me senti em casa. Lá ganhei uns clássicos e comprei outros. Aos dezesseis já tinha lido toda a fase realista de Machado de Assis, por quem me confesso terminantemente apaixonada. Nesse período conheci também Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, e o delírio literário acabou por se instalar. Eu gostava, e continuo nessa preferência, de temas ligados ao comportamento humano. Se a gente parar para pensar, Clarice é a rainha do relacionamento interpessoal e do conflito manifesto disso. Lygia tem diversos causos sobre casais e o não dito a respeito de tudo o que envolve a vida a dois. E Machado é um bruxo.

ENTREVISTA ESPECIAL

- 3 Você possui uma sólida formação em Linguagens, tendo inclusive mestrado em Estudo Literários pela UFPI. Como essa formação acadêmica teórica e crítica repercute na sua produção literária?

Num primeiro momento, fiquei com medo de a teoria inundar a minha desenvoltura artística e ficar engessada. Todavia, hoje percebo o quão crucial e indispensável foi essa formação acadêmica. Leio diferente, escrevo diferente. Há uma tradição que não devemos nos desvencilhar, e ela é fundamental até para quando quisermos fundamentar a resposta de uma entrevista, por exemplo, rs. Além disso, trabalhei um tempo como curadora literária do SESC e vi que o mestrado também me ajudou nessa empreitada. A dimensão de análise fica, de fato, mais aprofundada, e sai do previsível “eu gosto porque gosto”. Está certo que enquanto leitores temos as nossas predileções, mas precisamos saber que nada está aí à toa, existe uma razão de ser em cada estilo de escrita e em cada época, influenciada por questões históricas, socioculturais e linguísticas. Ter ciência disso, de maneira não empírica ou intuitiva, acabou me dando uma munição extra na escrita.

- 4 Sua dissertação de mestrado pela UFPI, sob orientação do prof. Dr. Sebastião Lopes, foi sobre *Pequenos pássaros*, coletânea da consagrada escritora francesa Anaïs Nin (1903-1977), que apresenta contos eróticos centrados em personagens femininas. Qual a influência dessa autora e, de forma mais específica, dessa coletânea para a sua formação enquanto escritora.

Anaïs Nin é a minha madrinha, mãe, amante, mentora. A admiração surgiu em 2010, quando comecei a lê-la após um leitor do meu blog convitarme a ler Vanessa Trajano ter me indicado. Dali para frente a paixão só

ENTREVISTA ESPECIAL

creceu. E quando conheci *Pequenos pássaros* entendi que o erotismo não se trata de sexo. O erotismo é o que talvez nem aconteceu, ou seja, aquilo que está no

campo da iminência. É sobre isso que me interessa relatar. Hoje temos acesso muito fácil à pornografia, bastando somente dois cliques – ao passo que o sexo ainda é, contraditoriamente, um tabu. Percebo o erotismo como uma forma de resolver esse problema, e tenho a Anaïs Nin como a melhor professora que uma jovem escritora poderia ter.

- 5 O Brasil já conta com uma tradição sólida no campo da literatura erótica produzida por mulheres, basta lembrar de nomes como os de Hilda Hislt (1930-2004) e Odette Pérez Ríos, mais conhecida pelo pseudônimo Cassandra Rios (1932-2002). Você dialoga com essa tradição literária e já se percebe nela inserida?

Estou trabalhando para ser, incansavelmente, apesar de dialogar mais com a literatura produzida pela Anaïs Nin do que com a da Hilda, que ao meu ver é muito hermética. Já a da Cassandra Rios conheço pouquíssima coisa, não posso comentar. Mas a gente nunca se insere numa tradição para copiar, e sim para reinventar. Isso acredito estar fazendo.

- 6 Você produz o que podemos chamar de literatura *hot*, com textos voltados para o universo erótico de mulheres. Como você imagina seus leitores? Ressalte-se que ao usar leitores no masculino, além de desnudar o falocentrismo da linguagem, abre-se espaço para um público leitor também masculino. É isso mesmo ou você busca atingir estritamente o público feminino?

ENTREVISTA ESPECIAL

Pretendo um público adulto, independente do gênero, embora eu ficaria mais satisfeita se as mulheres me lessem mais, porque escrevo sobre elas e para elas. Digamos que mais de 70% do meu público é masculino, quando o benefício para o público leitor feminino seria muito maior. Mas a questão da falta de apoio delas reflete um problema que já existe desde que o mundo é mundo, que é a falta de

irmandade entre as mulheres – o que atualmente estão chamando de sororidade. E sei que não acontece só comigo. Outras escritoras jovens passam pela mesma coisa, bem como artistas de outras linguagens.

- 7 Quais as implicações de produzir literatura erótica a partir de uma perspectiva feminina? Você busca alguma forma de mudança social, fazendo com que mulheres reflitam sobre as relações de gênero, em especial aquelas que envolvem a sexualidade?

Quero que as minhas leitoras relaxem e gozem, literalmente. É incrível a quantidade de mulheres que afirmam nunca terem tido um orgasmo na vida, dado que obtive, inclusive, na minha pesquisa de mestrado. É assombroso que a questão não seja só fisiológica, mas principalmente cultural. Há um sentimento de culpa nas mulheres. Veja bem: elas podem até trabalhar, estudar, ter estabilidade e autonomia financeira, mas gozar, não. É como se nos permitissem “liberdade” até certo ponto. Quando vai para o campo do afetivo e do sexual, começam os interditos e as punições. O que almejo é, primeiramente, diminuir esses interditos e essas punições – porque se de todo viraremos animais. Como sei que isso ainda vai demorar para acontecer, gostaria de ensiná-las, pelo menos, a fazer de conta que esses “impedimentos” e “consequências” não são tão dominantes assim. Porque é aí que a magia começa.

ENTREVISTA ESPECIAL

8 Vivemos em um momento paradoxal e mesmo dramático no que diz respeito as

relações de gênero Brasil, marcado por avanços como a implementação cada vez mais incisiva da lei Maria da Penha, a luta por igualdade salarial, a participação mais efetiva de mulheres na sociedade e na política, mas também caracterizada por inúmeras violências contra o corpo feminino, inclusive com número inaceitável de feminicídios. Como sua literatura se insere nesse conturbado momento da vida social brasileira?

198

Quando, a essa altura do campeonato, um homem diz coisas do tipo: “não tenho coragem de casar com uma mulher dessas”, “mulher minha não faz isso”, “como ela quer ser respeitada usando essas roupas” ele já está matando a mulher, simbolicamente. O ato máximo de violência contra nós começa muito antes, secularmente e episodicamente falando. Nós já nascemos putas e mortas. O advento da terceira onda do feminismo de 2013 para cá tenta, por meio de marchas, grupos, protestos e discussões, reivindicar muitas questões urgentes a nós e que calávamos anos atrás. Isso incide na literatura, embora a minha carreira tenha se iniciado antes mesmo desse movimento coletivo. Porém, como estamos todas juntas nesse vulcão em erupção, sinto-me consciente nesse contexto, embora tenha as minhas próprias questões, o meu estilo, a minha autenticidade – e aqui sou muito lúcida no que diz respeito ao panfletarismo, que acredito intoxicar a linguagem literária. A minha literatura, ainda que evidentemente revoltada com a violência de gênero, busca dar o seu grito e chamar para o debate dentro daquilo que almeja um dia se canonizar – e assim não conversar apenas com a geração com a qual se insere, mas também com as futuras.

9 Os títulos de suas obras são provocadores e mesmo irônicos. Trata-se de um convite para que as mulheres não sejam comuns, para que busquem o proibido, para que reflitam sobre as relações patriarcais que interpelam o feminino, exclusivamente para o casamento, ou para que busquem ou evitem serem vistas como supermulheres? Quais as principais mensagens que você pretende levar para as mulheres e para a sociedade brasileira através de suas obras?

ENTREVISTA ESPECIAL

Acho que a mensagem retorna ao lugar comum e já enfatiado tema da liberdade. Acredito que a mulher tem liberdade para ser o que ela quiser, inclusive puta. Sei que o feminismo é importante, e eu assim me reconheço, mas já presenciei muitas vezes mulheres feministas discriminarem outras que não se denominavam assim e tinham total liberdade com o próprio corpo, como também sendo reativas e incompreensivas em relação àquela mulher que por opção fica em casa cuidando

199

dos filhos. Não é inglório ser mãe nem dona de casa. E ninguém é obrigado a nada. Se você quer ir para o Palácio do Planalto brigar pelos nossos direitos, que bom, a gente agradece por isso. Se você quer fazer doutorado em Havard que bom também, ficamos muito contentes que nossas antepassadas não lutaram em vão. Mas se você prefere dedicar-se à vida doméstica, seja por qual motivo for, que bom também. Como também se quiser vender o seu próprio corpo para pagar a faculdade, ou mesmo porque gosta, que bom! As mulheres incomuns, as que não são pra casar, encontram-se nesse universo – até aquelas que ficam em casa cuidando dos filhos, pois mesmo que não se dê nenhum “motivo”, há sempre uma mulher sendo puta na boca de um machista. Então, a mensagem é: ah, quer saber? Foda-se.

- 10 Você tem um primeiro romance, *Doralice*, publicado em 2015. Quem é Doralice e o que ela tem a nos dizer?

Doralice é uma jovem sonhadora. E ela tem um sonho tão simples que o leitor é levado a perguntar-se por que ela não consegue realizá-lo. A resposta é igualmente banal: as condições socioeconômicas que a circundava impossibilitava qualquer aspiração fora dos padrões basilares de sobrevivência, que são comer e morar. Ler Doralice é ter um espelho de milhões de brasileiros que vivem com o mínimo do mínimo. Pergunto: tem lugar para arte e cultura na vida dessas pessoas?

ENTREVISTA ESPECIAL

Difícilmente. Nasci e me criei na periferia, sei do que estou falando. Tive sorte de ter um núcleo familiar um tanto equilibrado, bem como também não vivíamos em extrema pobreza, até porque estudei em escola particular. Mas não é assim para todo mundo. Portanto posso assegurar que Doralice é uma forma de tocar na ferida, e dizer: dá para sair da bolha? Dá para olhar além do próprio umbigo?

200

- 11 Suas narrativas podem acontecer em diferentes contextos urbanos. Apesar disso, como o Piauí, com sua espacialidade, cultura e identidade, se faz presente em suas

obras? Essa piauiensidade surge de forma mais marcada em alguns de seus textos, personagens ou situações?

Sempre gostei muito de viajar. Além disso, nasci no Piauí, porém a minha família é toda do Ceará, de modo que me considero parcialmente de lá. Ademais, sempre comparei os comportamentos sociais dos lugares, do tipo: aqui é assim, lá é assado. E desde cedo percebi que o Piauí possui umas peculiaridades – principalmente em relação à mulher. Aí eu só aplicava aos enredos, indiretamente, é claro. Mais velha, após conhecer melhor diferentes estados, viajar para o exterior e morar em outra cidade, as minhas teorias sobre os piauienses e a forma como nós lidamos com as relações de gênero só se confirmaram. Vou ser direta: a maioria dos homens são terríveis e tratam a mulher com posse. “Ah, em todo lugar é assim”. Não. No Piauí/nordeste é pior. Está enraizado. As mulheres também não estão fora disso. Muito machistas.

- 12 Há alguns anos você migrou do Piauí, radicando-se em Brasília. Como era sua relação com o estado natal e qual sua percepção de ser piauiense agora à distância?

ENTREVISTA ESPECIAL

A relação sempre foi de amor e ódio. Amo as pessoas. As pessoas, segundo o Moisés Rego, um amigo querido, são o nosso maior patrimônio. Concordo plenamente. No entanto, odiava/odeio a forma como o estado é esquecido pelo poder público (bate uma certa vergonha às vezes, devo confessar). Um estado com tanto potencial humano e turístico deveria ser mais aproveitado. Certa vez fui a uma oficina em Brasília ministrada por um escritor de Curitiba. Dei-me conta que o Piauí é muito bem visto fora, literariamente falando. Fiquei feliz. Mas quem é daí sabe que muita coisa precisa melhorar. Os eventos literários concentram-se na iniciativa de duas ou três pessoas, ou seja, apaixonados e loucos que fazem a coisa acontecer. Fora isso, nada. O piauiense merece muito mais. O berço do homem americano, o nosso litoral, a nossa soja, as nossas cachoeiras, a nossa arte, a nossa cultura, a nossa culinária e a nossa energia solar merecem.

201

13 Como foi sua experiência de pandemia de Covid-19? Conseguiu se manter produtiva? Abordou esse período de privações e quarentena em textos literários?

Que nada. Momento de pausa é momento de pausa. Quem não engravidou nessa quarentena ou separou ou enlouqueceu ou comprou planta. Sei que muita gente produziu bastante, mas não foi o meu caso. No entanto, mexi no que já estava produzido e ainda estou nesse momento. Compilei poemas já escritos e publiquei *Supermulher e outras performances poéticas*, em formato e-book. Investi na minha carreira de roteirista. Enfim, fiz outras coisas. Na verdade, estou me permitindo férias literárias. Já publiquei bastante para a minha idade e tenho muita coisa pronta.

14 Quais seus projetos literários para o futuro próximo?

ENTREVISTA ESPECIAL

É sobre isso que falava na resposta anterior. Pretendo publicar o livro físico de Supermulher, além de três obras inéditas, um romance, um livro de contos e um autobiográfico. O primeiro é inspirado na minha mãe e confirma a minha tendência de ter personagens marcantes como figuras maternas nos meus romances; o segundo, que apesar de ser uma coletânea de contos, tem apenas uma única personagem; e, por último, o autobiográfico, porque eu acho a minha vida muito interessante, principalmente a profissional – e todos saberão o porquê. Agora me diz: depois de tanta coisa engatilhada para ser lançada, mereço ou não mereço férias?

202

- 15 Deixe uma mensagem para o seu público leitor e, em especial, para mulheres que desejem trilhar a trajetória de escritora.

Aos leitores: larguem as redes sociais e abram um livro. Existe vida fora das telas dos celulares, existe vida na poesia e na ficção. Às mulheres que desejam trilhar esse percurso: estejam preparadas para invadir as academias nos próximos anos. Mas, para isso, não se esqueçam de um fator fundamental: qualidade. Trabalho árduo com a linguagem, observação meditativa do mundo e saber ao que veio. Nunca tanta gente escreveu, e nunca se teve tanta literatura ruim, mal acabada, carente de uma percepção mais acurada, de revisão estilística, de princípio norteador. Não se esqueçam, sobretudo, dos clássicos e das escritoras que vieram antes de vocês. Além de ser uma falta de respeito é bom saber que não existe artista que começa literalmente do zero sem referência nenhuma – isso é papo de adolescente que monta uma bandinha de rock alternativo na garagem de casa e ensaia uma vez por mês. Treino, referência, humildade, oragem e disciplina, é tudo o que a gente precisa. Um pouco de sorte também é sempre bem-vinda.

- 16 Como surge seu fascínio pela literatura? Quem ou o que lhe motivou a ler e a ser escritora?

ENTREVISTA ESPECIAL

A minha mãe me ensinou a ler e a escrever aos três anos, o que é curioso, porque ela mesma só fez até a quarta série. Mas como não desejava que eu fosse ignorante e não sabida das coisas, passou-me o pouco que sabia. Ao perceber que aprendi muito rápido, o meu pai me dava livrinhos e gibis, que eu devorava rapidamente. Então posso dizer que tudo aconteceu de maneira bem orgânica. Na própria infância tinha prazer em escrever, inventar histórias. Sou leitora e criadora desde que me entendo por gente. Arrisco até que a melhor fase de invencionice é justamente essa, em que a imaginação está a mil. De todo modo, agradeço aos meus pais, que apesar de não serem letrados investiram para que eu fosse.

203

- 17 Como se dá sua formação enquanto leitora de literatura? Quais autores e obras foram importantes para essa formação? Quais temas mais lhe fascinavam?

Eu estudava numa escola que não tinha biblioteca. Para falar a verdade, nunca havia entrado numa até a adolescência, mesmo amando ler. Aos treze anos, comecei a estudar no centro de Teresina e me aproximei desses ambientes. Fui ao SALIPI e me senti em casa. Lá ganhei uns clássicos e comprei outros. Aos dezesseis já tinha lido toda a fase realista de Machado de Assis, por quem me confesso terminantemente apaixonada. Nesse período conheci também Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, e o delírio literário acabou por se instalar. Eu gostava, e continuo nessa preferência, de temas ligados ao comportamento humano. Se a gente parar para pensar, Clarice é a rainha do relacionamento interpessoal e do conflito manifesto disso. Lygia tem diversos causos sobre casais e o não dito a respeito de tudo o que envolve a vida a dois. E Machado é um bruxo.

- 18 Você possui uma sólida formação em Linguagens, tendo inclusive mestrado em Estudo Literários pela UFPI. Como essa formação acadêmica teórica e crítica repercute na sua produção literária?

Num primeiro momento, fiquei com medo de a teoria inundar a minha desenvoltura artística e ficar engessada. Todavia, hoje percebo o quão crucial e indispensável foi essa formação acadêmica. Leio diferente, escrevo diferente. Há uma tradição que não devemos nos desvencilhar, e ela é fundamental até para quando quisermos fundamentar a resposta de uma entrevista, por exemplo, rs. Além disso, trabalhei um tempo como curadora literária do SESC e vi que o mestrado também me ajudou nessa empreitada. A dimensão de análise fica, de fato, mais aprofundada, e sai do previsível “eu gosto porque gosto”. Está certo que enquanto leitores temos as nossas predileções, mas precisamos saber que nada está aí à toa, existe uma razão de ser em cada estilo de escrita e em cada época,

ENTREVISTA ESPECIAL

influenciada por questões históricas, socioculturais e linguísticas. Ter ciência disso, de maneira não empírica ou intuitiva, acabou me dando uma munição extra na escrita.

- 19 Sua dissertação de mestrado pela UFPI, sob orientação do prof. Dr. Sebastião Lopes, foi sobre *Pequenos pássaros*, coletânea da consagrada escritora francesa Anaïs Nin (1903-1977), que apresenta contos eróticos centrados em personagens femininas. Qual a influência dessa autora e, de forma mais específica, dessa coletânea para a sua formação enquanto escritora.

204

Anaïs Nin é a minha madrinha, mãe, amante, mentora. A admiração surgiu em 2010, quando comecei a lê-la após um leitor do meu blog conviteparalervanessatrajano ter me indicado. Dali para frente a paixão só cresceu. E quando conheci *Pequenos pássaros* entendi que o erotismo não se trata de sexo. O erotismo é o que talvez nem aconteceu, ou seja, aquilo que está no campo da iminência. É sobre isso que me interessa relatar. Hoje temos acesso muito fácil à pornografia, bastando somente dois cliques – ao passo que o sexo ainda é, contraditoriamente, um tabu. Percebo o erotismo como uma forma de resolver esse problema, e tenho a Anaïs Nin como a melhor professora que uma jovem escritora poderia ter.

- 20 O Brasil já conta com uma tradição sólida no campo da literatura erótica produzida por mulheres, basta lembrar de nomes como os de Hilda Hilst (1930-2004) e Odette Pérez Ríos, mais conhecida pelo pseudônimo Cassandra Rios (1932-2002). Você dialoga com essa tradição literária e já se percebe nela inserida?

Estou trabalhando para ser, incansavelmente, apesar de dialogar mais com a literatura produzida pela Anaïs Nin do que com a da Hilda, que ao meu ver é muito hermética. Já a da Cassandra Rios conheço pouquíssima coisa, não posso comentar. Mas a gente nunca se insere numa tradição para copiar, e sim para reinventar. Isso acredito estar fazendo.

- 21 Você produz o que podemos chamar de literatura *hot*, com textos voltados para o universo erótico de mulheres. Como você imagina seus leitores? Ressalte-se que ao usar leitores no masculino, além de desnudar o falocentrismo da linguagem, abre-se espaço para um público leitor também masculino. É isso mesmo ou você busca atingir estritamente o público feminino?

ENTREVISTA ESPECIAL

Pretendo um público adulto, independente do gênero, embora eu ficaria mais satisfeita se as mulheres me lessem mais, porque escrevo sobre elas e para elas. Digamos que mais de 70% do meu público é masculino, quando o benefício para o público leitor feminino seria muito maior. Mas a questão da falta de apoio delas reflete um problema que já existe desde que o mundo é mundo, que é a falta de irmandade entre as mulheres – o que atualmente estão chamando de sororidade. E sei que não acontece só comigo. Outras escritoras jovens passam pela mesma coisa, bem como artistas de outras linguagens.

205

- 22 Quais as implicações de produzir literatura erótica a partir de uma perspectiva feminina? Você busca alguma forma de mudança social, fazendo com que mulheres reflitam sobre as relações de gênero, em especial aquelas que envolvem a sexualidade?

Quero que as minhas leitoras relaxem e gozem, literalmente. É incrível a quantidade de mulheres que afirmam nunca terem tido um orgasmo na vida, dado que obtive, inclusive, na minha pesquisa de mestrado. É assombroso que a questão não seja só fisiológica, mas principalmente cultural. Há um sentimento de culpa nas mulheres. Veja bem: elas podem até trabalhar, estudar, ter estabilidade e autonomia financeira, mas gozar, não. É como se nos permitissem “liberdade” até certo ponto. Quando vai para o campo do afetivo e do sexual, começam os interditos e as punições. O que almejo é, primeiramente, diminuir esses interditos e essas punições – porque se de todo viraremos animais. Como sei que isso ainda vai demorar para acontecer, gostaria de ensiná-las, pelo menos, a fazer de conta que esses “impedimentos” e “consequências” não são tão dominantes assim. Porque é aí que a magia começa.

- 23 Vivemos em um momento paradoxal e mesmo dramático no que diz respeito às relações de gênero Brasil, marcado por avanços como a implementação cada vez mais incisiva da lei Maria da Penha, a luta por igualdade salarial, a participação mais efetiva de mulheres na sociedade e na política, mas também caracterizada por inúmeras violências contra o corpo feminino, inclusive com número inaceitável de feminicídios. Como sua literatura se insere nesse conturbado momento da vida social brasileira?

ENTREVISTA ESPECIAL

Quando, a essa altura do campeonato, um homem diz coisas do tipo: “não tenho coragem de casar com uma mulher dessas”, “mulher minha não faz isso”, “como ela quer ser respeitada usando essas roupas” ele já está matando a mulher, simbolicamente. O ato máximo de violência contra nós começa muito antes, secularmente e episodicamente falando. Nós já nascemos putas e mortas. O advento da terceira onda do feminismo de 2013 para cá tenta, por meio de marchas, grupos, protestos e discussões, reivindicar muitas questões urgentes a nós e que calávamos anos atrás. Isso incide na literatura, embora a minha carreira tenha se iniciado antes mesmo desse movimento coletivo. Porém, como estamos todas juntas nesse vulcão em erupção, sinto-me consciente nesse contexto, embora tenha as minhas próprias questões, o meu estilo, a minha autenticidade – e aqui sou muito lúcida no que diz respeito ao panfletarismo, que acredito intoxicar a linguagem literária. A minha literatura, ainda que evidentemente revoltada com a violência de gênero, busca dar o seu grito e chamar para o debate dentro daquilo

que almeja um dia se canonizar – e assim não conversar apenas com a geração com a qual se insere, mas também com as futuras.

- 24 Os títulos de suas obras são provocadores e mesmo irônicos. Trata-se de um convite para que as mulheres não sejam comuns, para que busquem o proibido, para que reflitam sobre as relações patriarcais que interpelam o feminino, exclusivamente para o casamento, ou para que busquem ou evitem serem vistas como supermulheres? Quais as principais mensagens que você pretende levar para as mulheres e para a sociedade brasileira através de suas obras?

Acho que a mensagem retorna ao lugar comum e já enfatiado tema da liberdade. Acredito que a mulher tem liberdade para ser o que ela quiser, inclusive puta. Sei que o feminismo é importante, e eu assim me reconheço, mas já presenciei muitas vezes mulheres feministas discriminarem outras que não se denominavam assim e tinham total liberdade com o próprio corpo, como também sendo reativas e incompreensivas em relação àquela mulher que por opção fica em casa cuidando dos filhos. Não é inglório ser mãe nem dona de casa. E ninguém é obrigado a nada. Se você quer ir para o Palácio do Planalto brigar pelos nossos direitos, que bom, a gente agradece por isso. Se você quer fazer doutorado em Harvard que bom também, ficamos muito contentes que nossas antepassadas não lutaram em vão. Mas se você prefere dedicar-se à vida doméstica, seja por qual motivo for, que bom também. Como também se quiser vender o seu próprio corpo para pagar a faculdade, ou mesmo porque gosta, que bom! As mulheres incomuns, as que não são pra casar, encontram-se nesse universo – até aquelas que ficam em casa cuidando dos filhos, pois mesmo que não se dê nenhum “motivo”, há sempre uma

ENTREVISTA ESPECIAL

mulher sendo puta na boca de um machista. Então, a mensagem é: ah, quer saber? Foda-se.

- 25 Você tem um primeiro romance, *Doralice*, publicado em 2015. Quem é Doralice e o que ela tem a nos dizer?

Doralice é uma jovem sonhadora. E ela tem um sonho tão simples que o leitor é levado a perguntar-se por que ela não consegue realizá-lo. A resposta é igualmente banal: as condições socioeconômicas que a cercava impossibilitava qualquer aspiração fora dos padrões basilares de sobrevivência, que são comer e morar. Ler Doralice é ter um espelho de milhões de brasileiros que vivem com o mínimo do mínimo. Pergunto: tem lugar para arte e cultura na vida dessas pessoas? Dificilmente. Nasci e me criei na periferia, sei do que estou falando. Tive sorte de ter um núcleo familiar um tanto equilibrado, bem como também não vivíamos em

extrema pobreza, até porque estudei em escola particular. Mas não é assim para todo mundo. Portanto posso assegurar que Doralice é uma forma de tocar na ferida, e dizer: dá para sair da bolha? Dá para olhar além do próprio umbigo?

- 26 Suas narrativas podem acontecer em diferentes contextos urbanos. Apesar disso, como o Piauí, com sua espacialidade, cultura e identidade, se faz presente em suas obras? Essa piauiensidade surge de forma mais marcada em alguns de seus textos, personagens ou situações?

Sempre gostei muito de viajar. Além disso, nasci no Piauí, porém a minha família é toda do Ceará, de modo que me considero parcialmente de lá. Ademais, sempre comparei os comportamentos sociais dos lugares, do tipo: aqui é assim, lá é assado. E desde cedo percebi que o Piauí possui umas peculiaridades – principalmente em relação à mulher. Aí eu só aplicava aos enredos, indiretamente, é claro. Mais velha, após conhecer melhor diferentes estados, viajar para o exterior e morar em outra cidade, as minhas teorias sobre os piauienses e a forma como nós lidamos com as relações de gênero só se confirmaram. Vou ser direta: a maioria dos homens são terríveis e tratam a mulher com posse. “Ah, em todo lugar é assim”. Não. No Piauí/nordeste é pior. Está enraizado. As mulheres também não estão fora disso. Muito machistas.

ENTREVISTA ESPECIAL

- 27 Há alguns anos você migrou do Piauí, radicando-se em Brasília. Como era sua relação com o estado natal e qual sua percepção de ser piauiense agora à distância?

A relação sempre foi de amor e ódio. Amo as pessoas. As pessoas, segundo o Moisés Rego, um amigo querido, são o nosso maior patrimônio. Concordo plenamente. No entanto, odiava/odeio a forma como o estado é esquecido pelo poder público (bate uma certa vergonha às vezes, devo confessar). Um estado com tanto potencial humano e turístico deveria ser mais aproveitado. Certa vez fui a uma oficina em Brasília ministrada por um escritor de Curitiba. Dei-me conta que o Piauí é muito bem visto fora, literariamente falando. Fiquei feliz. Mas quem é daí sabe que muita coisa precisa melhorar. Os eventos literários concentram-se na iniciativa de duas ou três pessoas, ou seja, apaixonados e loucos que fazem a coisa acontecer. Fora isso, nada. O piauiense merece muito mais. O berço do homem americano, o nosso litoral, a nossa soja, as nossas cachoeiras, a nossa arte, a nossa cultura, a nossa culinária e a nossa energia solar merecem.

208

- 28 Como foi sua experiência de pandemia de Covid-19? Conseguiu se manter produtiva? Abordou esse período de privações e quarentena em textos literários?

Que nada. Momento de pausa é momento de pausa. Quem não engravidou nessa quarentena ou separou ou enlouqueceu ou comprou planta. Sei que muita gente produziu bastante, mas não foi o meu caso. No entanto, mexi no que já estava produzido e ainda estou nesse momento. Compilei poemas já escritos e publiquei *Supermulher e outras performances poéticas*, em formato e-book. Investi na minha carreira de roteirista. Enfim, fiz outras coisas. Na verdade, estou me permitindo férias literárias. Já publiquei bastante para a minha idade e tenho muita coisa pronta.

- 29 Quais seus projetos literários para o futuro próximo?

É sobre isso que falava na resposta anterior. Pretendo publicar o livro físico de *Supermulher*, além de três obras inéditas, um romance, um livro de contos e um autobiográfico. O primeiro é inspirado na minha mãe e confirma a minha tendência de ter personagens marcantes como figuras maternas nos meus romances; o segundo, que apesar de ser uma coletânea de contos, tem apenas uma única personagem; e, por último, o autobiográfico, porque eu acho a minha vida

ENTREVISTA ESPECIAL

muito interessante, principalmente a profissional – e todos saberão o porquê. Agora me diz: depois de tanta coisa engatilhada para ser lançada, mereço ou não mereço férias?

- 30 Deixe uma mensagem para o seu público leitor e, em especial, para mulheres que desejem trilhar a trajetória de escritora.

209

Aos leitores: larguem as redes sociais e abram um livro. Existe vida fora das telas dos celulares, existe vida na poesia e na ficção. Às mulheres que desejam trilhar esse percurso: estejam preparadas para invadir as academias nos próximos anos. Mas, para isso, não se esqueçam de um fator fundamental: qualidade. Trabalho árduo com a linguagem, observação meditativa do mundo e saber ao que veio. Nunca tanta gente escreveu, e nunca se teve tanta literatura ruim, mal acabada, carente de uma percepção mais acurada, de revisão estilística, de princípio norteador. Não se esqueçam, sobretudo, dos clássicos e das escritoras que vieram antes de vocês. Além de ser uma falta de respeito é bom saber que não existe artista que começa literalmente do zero sem referência nenhuma – isso é papo de adolescente que monta uma bandinha de rock alternativo na garagem de casa e

ensaia uma vez por mês. Treino, referência, humildade, coragem e disciplina, é tudo o que a gente precisa. Um pouco de sorte também é sempre bem-vinda.

MINIBIO VANESSA TEODORO TRAJANO

Vanessa Teodoro Trajano (1992) é teresinense radicada em Brasília-DF. Além de escritora, é roteirista e professora de Língua Portuguesa com mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí. Publicou ao total 15 livros, entre participações em antologias e obras individuais, as quais se destacam *Mulheres Incomuns* (2012), cuja segunda edição foi relançada pela Penalux em 2017 e adaptada para uma leitura dramática pelo Coletivo Piauihy Estúdio das Artes, em Teresina; *Antologia Transcultural de Poesia Feminina* (2012), com autoras do Chile, Angola e Portugal; *Poemas Proibidos* (2014), lançado na Bienal de São Paulo em 2014; *A mulher na literatura latino-americana* (2018), com autoras da América latina e do Brasil; o romance *Doralice* (2015); *Ela não é mulher pra casar* (2019), finalista do Prêmio Guarulhos na categoria livro do ano, e o Ebook *Supermulher e outras performances poéticas* (2020). Em 2014, foi uma das personalidades piauienses que ganhou o prêmio Artista do Ano – Troféu Lena Rios. Participou do Balcão Poético Poematrix do Curto

ENTREVISTA ESPECIAL

Circuito Off Flip em 2015, bem como de feiras literárias, saraus, palestras e oficinas em seu estado natal. Em 2017, ingressou no projeto Arte da Palavra promovido pelo SESC Nacional, sendo a primeira escritora do Piauí a participar desse projeto. Circulou por 12 cidades através do Circuito de Autores e do Circuito de Criação Literária: São Mateus, Colatina, Vitória – ES; Rio de Janeiro e Paraty – RJ; Itajaí-SC; Castanhal e Belém-PA; Maceió-AL; Recife-PE; Campo Grande e Corumbá-MS. Em novembro de 2018, participou do 25º Encuentro Internacional de Mujeres Poetas realizado na cidade de Cereté, Colômbia, representando o Brasil nessa edição do evento. Recebeu o prêmio de melhor miniconto promovido pelo I JESP da Universidade Federal do Piauí em 2016, de melhor poema na edição Novos autores do Poezine de 2014, além de ter sido uma das selecionadas no Prêmio Livraria Asabeça & Bignardi Papéis, também na categoria poesia. Foi curadora da Plataforma Escrever Sem Fronteiras do Sesc Caixeiral, de Parnaíba-PI, entre 2018 e 2019. Atualmente, é imortal da Academia Cruzeirense de Letras em Brasília-DF, ocupando a cadeira cujo patrono é Nelson Rodrigues. Recentemente, participou como colaboradora no roteiro do curta Maria, em fase de produção pela Leãopontodecinema e do Gostosa, longa a ser filmado pela produtora Guabes. Ambos têm como foco narrativo problematizar o assédio e a violência sexual sofrida pelas mulheres, sobre as quais Vanessa foi convidada para dar a sua visão feminina.